

Tradicionais, chapéus-de-sol da orla estão 'doentes'

Prefeitura prepara remédio para acabar com a erva-de-passarinho, que mata a árvore

DIOGO CAIXOTE

DA REDAÇÃO

Os chapéus-de-sol, árvores tradicionais na orla de Santos embora não sejam nativas, estão comprometidas por pragas, mas podem ganhar um remédio para garantir a sobrevivência. Ainda este mês, a Secretaria de Meio Ambiente do Município (Semam) iniciará estudos para a elaboração do produto, que visa acabar com a chamada erva-de-passarinho, vegetação que descaracteriza a planta e resseca os seus galhos.

As experiências estão sendo conduzidas pelo paisagista Oswaldo Casasco juntamente com a equipe de técnicos do Jardim Botânico. O resultado dos estudos, se der positivo, será inédito, já que o único sistema conhecido na literatura científica até hoje é a extirpação e a queima do galho contaminado pela erva-de-passarinho.

Caso obtenham sucesso, os técnicos deverão aplicar o remédio em outros tipos de árvore existentes na Cidade, também afetadas pela praga, como o jambolão.

Segundo Casasco, de 20% a 30% dos chapéus-de-sol da orla apresentam a formação de erva-de-passarinho. Esse parasita é gerado pelas fezes de aves, que se prendem ao vegetal doente, seja por má alimentação, normalmente devido à pouca terra ao redor, ou técnicas de cultivo erradas, como a poda.

A erva-de-passarinho é uma vegetação totalmente diferente do chapéu-de-sol, caracterizada pelas folhas grandes e ovaladas. A nova planta, tecnicamente chamada de *hemiparasita*, tem folhas pequenas e se formam em pencas de alta concentração.



IRANDY RIBAS

Integrados à paisagem da orla, os chapéus-de-sol, com suas folhas grandes e ovaladas, estão ameaçados

“O *hemiparasita* se instala e passa a sugar os minerais (alimentos) retirados do solo pelo hospedeiro (a árvore). Com a supressão ou diminuição de alimento, o hospedeiro expõe sua deficiência, eliminando parte de sua estrutura, os galhos, o que só aumenta o desequilíbrio, porque a erva-de-passarinho continua sugando a seiva, acelerando o seu próprio número de ramos e o secamento dos galhos”, explicou Casasco.

O problema é notório, conforme o paisagista. Basta circular pela orla e verificar a quantidade de galhos secos e os chapéus-de-sol sendo tomados por vegetação de folhas meno-

res. “O maior indicador de desequilíbrio da planta são os galhos secos, sem folhas”.

PREOCUPAÇÃO

A situação ganha contornos ainda mais preocupantes porque os galhos secos são um chamariz para os cupins, que podem se tornar um problema ainda maior à população.

Outro sinal são as *meristemas axiais* mais desenvolvidas. São os famosos nós em troncos, normalmente na parte de baixo, que se formam naturalmente na tentativa de aumentar a captação de alimentos para a árvore, já que a erva-de-passarinho absorve a maior parte.

Curiosidade

Embora não existam estudos, a maior incidência de chapéus-de-sol afetados por erva-de-passarinho é no calçadão da praia, porém no lado mais próximo da pista. É visível a diferença para as árvores que estão mais próximas à areia, ou mesmo nas ruas do Município, que quase não têm as pragas. Segundo o paisagista Oswaldo Casasco, essa peculiaridade também será estudada.